

**João Viegas Fernandes e Mónica Tomaz. 2002. *Um Mundo Melhor é Necessário e é Possível: Contributos Educacionais*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 124 pp. ISBN: 972-707-365-4.**

A ideia chave no argumento deste livro é que é necessário – e, no contexto actual, é particularmente urgente – olhar para a educação como uma área indispensável para o projecto de levar a sociedade em geral e, em especial, as novas gerações, a desenvolver uma ‘praxis cidadã’ (p.17). O papel da educação e dos educadores é identificado por João Viegas Fernandes e Mónica Tomaz como um dos agentes de mudança do mundo que encerra maior potencial transformativo, desde que se abandone a actual concepção mercantilista da educação para adoptar, reforçando a dimensão contra-hegemónica de serviço público da educação, um novo paradigma educacional: o paradigma da educação da globalidade e da complexidade. O livro – destinado, de forma especial, aos professores, independentemente do nível de ensino e da área – foi elaborado para ser apresentado no âmbito do II Fórum Mundial de Educação (que decorreu entre 19 e 22 de Janeiro de 2002 em Porto Alegre, Brasil), tendo, assim, como alvo, na verdade, todos os ‘cidadãos/ãs comprometidos na edificação de um Mundo Melhor’ (p.16). A implicação entre educação e cidadania, globalização e uma nova consciência sobre as relações entre complexidade ecológica e complexidade cultural são os temas desenvolvidos ao longo de seis capítulos.

No primeiro capítulo, os autores constataam que há sinais, cada vez mais claros, de que uma mudança de atitude face aos impactos da globalização neo-liberal na sociedade se começa a desenhar, no sentido de se passar de uma fase de contestação, para uma formulação de propostas alternativas. O projecto de uma globalização alternativa solidária, de carácter humanista e promotora de uma cidadania planetária encontra-se intrinsecamente apoiado no reforço do papel da sociedade civil organizada. Assim sendo, o segundo capítulo reflecte acerca do papel que a educação ecológica/ambiental pode ter, no sentido de contribuir para a criação de uma consciência ambiental global. Com esta preocupação, os autores recomendam que se comece por inventariar junto dos/as educandos/as a realidade ecológica local para

depois se reflectir de forma holística nas causas e consequências dos desequilíbrios ecológicos globais, tendo como base de pensamento a constante articulação entre o local e o global. São, por isso, descritos os objectivos e pressupostos metodológicos de uma educação ambiental contribuinte para o empowerment das comunidades, sendo que este processo ‘traduz a conquista de um acréscimo de poder de intervenção, individual e colectiva, que aumenta a eficácia do exercício de cidadania’ (p.48), uma ‘mudança do ‘paradigma do crescimento económico’ para o de ‘desenvolvimento sustentado’ (p.50) e uma verdadeira cidadania ecológica planetária que ‘consiste no exercício de uma práxis onde impere a justiça social, se preserve a identidade cultural dos diferentes povos e se promova o uso racional e sustentado da natureza’ (p.51).

No terceiro capítulo, os autores reflectem acerca das novas tecnologias de informação, elaborando uma síntese das principais vantagens e desvantagens da informática, na qual salientam a importância de uma utilização regrada e crítica das actuais tecnologias, em especial da televisão e do computador, isto para contrariar os efeitos perversos das mesmas, principalmente a sua propensão para contribuir para uma crescente redução do espírito reflexivo, passividade e alienação, associada a uma cada vez mais insuficiente formação ética que assegure laços de solidariedade e competências de relacionamento social na base de valores humanistas. Ao contrário do que as políticas neoliberais defendem, ‘as soluções para os problemas graves com que a humanidade se confronta neste princípio de século (...) não são tecnológicas, mas sim sociais e políticas’ (p.68) e caberá aos educadores/as desenvolver a consciência crítica, ética e selectiva do uso das novas tecnologias por parte dos seus educandos/as.

O capítulo seguinte é dedicado à problemática central, especialmente depois de 11 de Setembro, da educação para a paz e a refutação da violência. Esta pedagogia para uma cultura da paz deverá contribuir para ‘transformar as pulsões más/egoístas em pulsões sociais altruístas’ (p.81). O contributo específico para os educadores/as é que são dadas indicações claras, neste capítulo, de como uma educação para a paz poderá ser operacionalizada nas escolas de uma maneira eficaz do ponto de vista metodológico, ten-

do sempre como base que 'a educação para a paz não pode ficar confinada a uma disciplina ou área específica do currículo, mas sim ser disseminada por todo ele' (p.81).

Esta ênfase colocada na educação como o principal motor de transformação do mundo manifesta, em particular, na minha leitura, a realidade de um poder social e político que os educadores/as efectivamente possuem, mas que, por diversos motivos, não têm sido capazes de utilizar. É hoje cada vez mais consensual que uma educação verdadeiramente emancipatória deve partir do duplo pressuposto de base, segundo o qual, da mesma maneira que a biodiversidade se constitui indiscutivelmente enquanto fonte de desenvolvimento responsável a partir dos recursos da natureza, também a diversidade sócio-cultural representa a maior riqueza da humanidade. É a esta problemática complexa que os autores dedicam o quinto capítulo do livro, com o intuito de promover uma literacia cultural, entendida como 'o conjunto de competências, capacidades, atitudes e comportamentos que possibilitem uma interacção adequada em contextos multi-inter-culturais e multilingues' (p.95). Os autores defendem o investimento na prática de uma educação intercultural que potencia nos próprios educadores/as a capacidade de desconstruir os estereótipos culturais, os estigmas e a própria linguagem androcêntrica que são ainda dominantes no universo da sociedade em geral e da escola em particular. Esta visão interculturalista é essencial para as ambições actuais de alterar a organização monocultural dos currículos escolares e a construção social de espaços de 'mestiçagem cultural' (p.95), inter-comunicação, inter-conhecimento e respeito mútuo.

No sexto e último capítulo, são revisitados os princípios fundadores e os pressupostos metodológicos do novo paradigma da educação da globalidade e da complexidade que constitui, para os autores, a alternativa de fundo ao paradigma educacional dominante. Da leitura instrutiva e instigante deste livro ressaltam, desde logo, três aspectos que me parecem evidenciar o próprio comprometimento dos seus autores com medidas e soluções que contribuem para uma práxis cidadã efectiva e a superação progressiva e progressista dos problemas emblemáticos da sociedade contemporânea. Refiro-me (i) ao extremo cuidado investido na utilização empenhada de uma linguagem de equidade entre gé-

neros, comprometidamente contra-hegemónica, com particular ênfase na compreensão do modelo de organização e apresentação dos círculos académicos; (ii) ao próprio livro dado ao prelo para ser amigo do ambiente: 'impresso em papel isento de cloro (tcf), 100% reciclável e com tintas isentas de elementos pesados solúveis contaminantes'; (iii) e ao carácter acessível do próprio livro, quer em termos financeiros, quer no uso de uma linguagem clara e de fácil entendimento, mas, ao mesmo tempo, analítica e com embasamento no idioma crítico contemporâneo. Na sua postura de cientistas sociais comprometidos, os autores conseguem atingir, no meu entender, um equilíbrio eficaz entre aquilo que poderia ser o erro de cair, por um lado numa certa concepção voluntarista do processo educativo sobre o qual reflectem ou por outro lado num certo fatalismo de carácter determinista. Com este livro, os autores dão-nos um contributo específico no sentido do nosso próprio crescimento como educadores em primeira instância, mas também como cidadãos/ãs.

**Rosanna Barros**

*Escola Superior de Educação da  
Universidade do Algarve*

**Kaës, René. 2002. *La Polyphonie du Rêve*. Paris: Dunod. 262 pp. ISBN: 2 10 006739 7.**

Quem se sente fascinado pelos meandros do inconsciente e do grande gerador de metáforas que é o sonho, encontrará neste livro de René Kaës motivos de sobra para se deleitar. Kaës, membro emérito da conceituada escola psicanalítica de Lyon, vai aqui multiplicando os espaços, os tempos, os sentidos e as vozes dos sonhos. Desde *A Interpretação dos Sonhos* de Freud que muita tinta correu em torno da teoria dos sonhos. Por exemplo, a partir da dimensão tópica da metapsicologia, muitos estudos se geraram em torno dos conceitos de espaço intrapsíquico do sonho e espaço onírico intersíquico. Como o autor nos explica, M. Klein explorou a ideia do espaço psíquico como um palco onde interagem fantasmas inconscientes. E o sonho constrói os cenários desses fantasmas. Aqui se jogam inúmeros jogos e as regras são, entre outras, a identificação projectiva e a introjecção.